

OFICINA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL “ENTRE SILENCIOS E MEMÓRIAS: AS MARCAS DA DITADURA CIVIL-MILITAR EM PELOTAS”

**NARA LÚCIA RODRIGUES DE AGUIAR¹; ANDRESSA PERES DE PAIVA²;
EMILENE PORTUGAL OLIVEIRA³; LUCILENE FERREIRA MENDES⁴; ANA INEZ
KLEIN⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – nara-aguiar@ibest.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – andressappaiva@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – emileneportugal@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lueme@bol.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Presente resumo versa sobre o projeto intitulado “Entre Silêncios e Memórias: As Marcas da Ditadura Civil-Militar em Pelotas”, elaborado pelo grupo de pesquisa e estudos de Educação Patrimonial e História Local, do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da área de História da UFPEL/RS que tem por objetivo a elaboração de uma oficina com roteiro de visita aos locais que serviram de abrigo e cárcere para as ações de repressão e resistência, na cidade de Pelotas, durante o período da Ditadura Civil Militar no Brasil.

O roteiro foi construído a partir de referências bibliográficas e entrevistas, bem como pesquisas nos jornais locais. Este levantamento teve o intuito de identificar locais que estão diretamente ligados às ações de resistência e repressão, no município de Pelotas. Os locais elencados para o roteiro são: a Câmara Municipal de Vereadores, a Casa do Trabalhador, a Faculdade de Direito, o Casarão 8 e o Instituto de Estudos Políticos Mário Alves.

A oficina aqui proposta pretende lançar luzes sobre aspectos até então desconhecidos, ou mesmo postos ao esquecimento, da história do município de Pelotas, permitindo suscitar reflexões sobre lugares de identidade que não somente àqueles que comportam a história tradicional de Pelotas. O conflito História e Memória constitui-se, por assim dizer, das inquietações dos sujeitos, que refutam histórias tradicionais e, que, sobretudo, buscam um espaço para não sufocar suas próprias memórias. Em consonância com o pensamento de Pollack, “memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e, particularmente, em conflitos que opõem políticas diversas”. (POLLACK, 1992.)

Compreende-se o quão delicado, contudo necessário, é tratar dos lugares na cidade de Pelotas que atuaram na resistência e na repressão, durante o período da ditadura civil-militar do Brasil, uma vez que a história desta cidade está marcada pela presença dos casarões, dos charqueadores e, contemporaneamente, pela fabricação do doce.

Esta oficina objetiva criar um espaço de reflexões a fim de que se possa repensar que a história e a memória de uma sociedade não podem sustentar-se apenas em uma concepção social, com referência em uma parcela da sociedade, uma vez que as sociedades são estratificadas e possuem identidades múltiplas e complexas.

A intenção de trazer à tona este tema é, justamente, reconhecer que memória é poder e sua perpetuação significa dar voz a uns e calar a outros. Por isso, o trabalho

proposto busca inaugurar espaços de informação e reflexão de outros protagonistas da história de Pelotas, para que essa memória ou mesmo outras memórias os invoque, a fim de que possam, então, não só entender seu compromisso, mas ampliar e recuperar suas percepções de identidade, história e, principalmente de memória que, vencidas, foram postergadas ou desprezadas.

2. METODOLOGIA

Para realização desse projeto elaborou-se um roteiro de visita aos espaços que serviram às ações de repressão e resistência, com o intento de apresentá-los primeiramente, aos Bolsistas do PIBID e, posteriormente para alunos do Ensino Fundamental e Médio de Escolas atingidas pelo PIBID.

O roteiro será efetuado de ônibus entre os locais e terá como ponto de partida, o Instituto de Ciências Humanas da UFPEL (ICH). Na primeira etapa do trabalho os participantes deverão responder o que entendem por patrimônio de Pelotas e registrar suas respostas. Durante o trajeto os participantes receberão folhetos com notícias do período da repressão que foram publicadas no jornal Diário Popular no período da ditadura, visando que se faça uma viagem no tempo durante o percurso e suscitando indagações que problematizem o tema do patrimônio na cidade.

O primeiro local de visita será a câmara de Vereadores, de Pelotas, atual prédio da Prefeitura Municipal, localizada na Praça Cel. Pedro Osório, nº 101, Centro de Pelotas. Haverá um breve relato a respeito de cada lugar de visita. Na sequência serão visitados os demais lugares definidos: Casa do Trabalhador, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas, Casarão 8 e o Instituto Mario Alves.

Ao final a questão referente ao patrimônio de Pelotas será refeita e serão discutidos elementos que compõe a definição de Patrimônio, com o intuito de se problematizar a ideia de patrimônio como bens edificados que servem para institucionalizar uma memória hegemônica da cidade. Estas impressões serão registradas e cotejadas com as respostas dadas antes da visita.

Em seguida, será distribuído um folheto ressaltando as informações sobre cada local visitado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina proposta ainda não foi aplicada, no entanto é possível apresentar os esforços e os trabalhos que envolveram o projeto. O grupo de pesquisa e estudos de Educação Patrimonial e História Local, do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da área de História da UFPEL/RS está dividido em Pesquisa e em Extensão.

O primeiro grupo teve por objeto a coleta de dados impressos, manuscritos, registros de imagens, jornais e afins, já que toda pesquisa requer identificação, localização e obtenção de documentos pertinentes ao tema. Essa fase do processo de elaboração de um projeto de pesquisa denota indiscutível importância, porque permite ao grupo confrontar informações e percepções, ademais, dá base aos debates. Autores como POLLAK, que aborda os temas Identidade e Memória, assim como FERRAZ, Joana D'Arc que trata de Memória e Patrimônio, entre outros que têm mesmas iniciativas temáticas, deram sustentáculo à elaboração da pesquisa.

A partir disso, o grande grupo passou a examinar as fontes primárias e secundárias com os procedimentos apropriados a fim de organizar as informações e

decompor os elementos constituintes da pesquisa, e, finalmente, avançar para elaboração de sínteses das informações extraídas.

O segundo grupo, por ser o de Extensão, visa articular ações que envolvam a pesquisa com o público alvo, os alunos do Ensino Fundamental e Médio de Escolas em que o PIBID atua. É por meio das atividades de extensão – neste caso a oficina – que se cumpre o objetivo de difundir os conhecimentos produzidos e promover a integração com a comunidade.

Os trabalhos de extensão passam a ser fundamentais, uma vez que prestam um serviço de informação e conscientização àqueles que estão, na maioria das vezes, à margem de discussões, que ficam restritas aos meios acadêmicos, necessitando de ampliação a fim de possibilitar o acesso ao conhecimento e à criticidade social, que faz germinar o sentimento de pertencimento.

4. CONCLUSÕES

A importância dessa pesquisa é que ela suscitará novas visões sobre a cidade, especialmente no que diz respeito à cidade como lugar de patrimônio, de construção e transformação de espaços de memória, que reivindica atenção aos monumentos.

A educação patrimonial é fundamental, na medida em que promove o conhecimento e possibilita as contestações, a despeito da visibilidade dada às memórias oficiais e ao ocultamento das “memórias subterrâneas”, que se materializam por meio da valorização ou não do Patrimônio. Uma sociedade que não reconhece sua memória enquanto patrimônio, não é convidado a preservá-lo.

Por essa razão, a pesquisa de cunho patrimonial, que procura descortinar as memórias colocadas à margem, merece respaldo, pois em que pesem as contradições os conflitos inerentes ao tema, possibilita o desenvolvimento de uma consciência individual e, por sua vez, coletiva, que proporciona aos sujeitos envolvidos atuarem não só como protagonistas, mas como interventores de sua própria história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRAZ, J. D. F.; SCARPELLI, C. D. B. Ditadura Militar no Brasil: Desafios da Memória e do Patrimônio. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO**, 13., 2008, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2008. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212961440_ARQUIVO_TrabalhoCompletoanpuhrj2008.pdf>. Acesso em: 22jul. 2015.
- FERRAZ, J. D. F.; SCARPELLI, C. D. B. A Memória da Ditadura Brasileira enquanto Patrimônio Cultural. In: **REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 26., 2008, Porto Seguro. Porto Seguro: ABA, 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/joana%20d%20arc%20fernandes%20ferraz.pdf>. Acesso em: 18jul. 2015.
- HORTA, M.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.
- SILVEIRA, M. B. **A Resistência ao Golpe e Ditadura Militar em Pelotas**: reflexões sobre uma cidade do interior e próxima à fronteira. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, 10., Santa Maria, 2010. Santa Maria: UFSM/UNIFRA, 2010. Disponível em: <<http://www.eeh2010.anpuh->

rs.org.br/resources/anais/9/1279499337_ARQUIVO_artigomarilia.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

JAREK, G. L. S.; Cidades, Culturas, Memórias e Identidades: Uma Proposta em Educação Patrimonial. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 180-191, 2007. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/218/255>>. Acesso em: 22 jul. 2015.